



FANTASIA LUSITANA

UM FILME DE JOÃO CANIJO

PERIFERIA FILMES APRESENTA "FANTASIA LUSITANA" UM FILME DE JOÃO CANIJO COM VOZES DE HANNA SCHYGULLA, RÜDIGER VOGLER, CHRISTIAN PATEY
PRODUÇÃO JOÃO TRABULO MONTAGEM JOÃO BRAZ SOM PEDRO GÓIS MISTURAS FRANÇOIS LOUBEYRE



SINOPSE

A propaganda imaginada e imaginária do salazarismo, durante a II Grande Guerra, pregava a proeza de uma neutralidade devida ao génio de Salazar. Segundo essa propaganda, que proclamava a ausência da guerra no meio da guerra, mesmo com o fluxo de refugiados que chegava a Lisboa, Portugal era um paraíso de paz e tranquilidade, um «oásis de paz» totalmente alheio a uma guerra que só dizia respeito aos outros. A sensação que a propaganda transmitia era a de uma guerra que só afectava os portugueses na medida das dificuldades de sobrevivência. A propaganda, elevada a extremos nas crónicas do Jornal Português, ajudou a criar uma espécie de inconsciência protectora que seria cómica se não fosse trágica.

NOTA DE INTENÇÕES

Portugal viveu a Segunda Guerra Mundial dentro de um mundo de fantasia, a propaganda criou aos portugueses um nível de irreabilidade fantasista em que a realidade violenta e terrível da guerra, o nível real da realidade, era uma coisa muito longínqua e de outro mundo.

Mas a fantasia da propaganda era grosseira, porque como diz José Gil: «A grosseria resulta do esforço e da impossibilidade de dar forma a um fundo visceral sem forma. O pior na grosseria, não é a ruína da forma, mas a arrogância em julgar-se forma.»; e essa grosseria tornava-se uma evidência com a chegada a Lisboa das vagas de refugiados que tentavam escapar ao nazismo e embarcar para as Américas.

O filme funda-se no contraste entre as imagens fantasistas da propaganda e as imagens reais do sofrimento dos refugiados. Vive do contraste entre dois níveis de realidade: a irreabilidade de uma fantasia lusitana e a dura realidade das consequências de uma guerra mundial.

As imagens da fantasia fascista pretendem fazer acreditar que graças a Salazar se vivia em Portugal no melhor dos mundos; as imagens do sofrimento dos refugiados de passagem por Lisboa, à espera do barco que os livre do nazismo, apresentam a realidade. Estas imagens são amparadas pelos testemunhos escritos de Erika Mann, Alfred Döblin e Antoine de Saint-Exupéry, em textos que reflectem exactamente o pasmo dos autores diante da bizarra noção de realidade dos portugueses.

um filme de JOÃO CANIJO

montagem JOÃO BRAZ

som PEDRO GÓIS

produtor JOÃO TRABULO

O que nós éramos nos anos 40 quando lá fora as bombas tombavam do céu como cerejas (como dizia na rádio Fernando Pessa...), o que nós éramos no tempo da Exposição do Mundo Português e do Portugal ...dos Pequeninos, e de Salazar, do sol, da simpatia (e da tristeza, e da hipocrisia, e do provincianismo e da capitulação moral que se disfarçou sob a "neutralidade")? Não, o que (ainda) somos hoje. FANTASIA LUSITANA destrói a zona de conforto que é o "filme de arquivo". Quebra a montra do passado, a segurança do documentário "histórico", virando a câmara para nós, hoje. A exposição do mundo português continua.

Vasco Câmara, Público

Canijo tem uma fé sem limites na inteligência do espectador. É uma memória incómoda trazida ao consciente, no melhor documentário sobre o Estado Novo de todo o cinema português.

Jorge Leitão Ramos, Expresso

O trabalho de Canijo com o material que pesquisou nos arquivos é sobretudo uma bela operação de compilação, com o mérito de agir sobre os documentos de maneira subtil, sem os forçar e sem os caricaturar.

Luís Miguel Oliveira, Público

É João Canijo a transformar a realidade paralela que foi Portugal nos anos 40 (o mundo em guerra e Portugal a salvo nas mãos messiânicas de Salazar) num prolongamento do exaustivo inquérito sobre o país contemporâneo que vem fazendo. Começa por parecer uma anedota, mas depois a coisa torna-se densa.

Vasco Câmara, Público

Um documentário magnífico construído a partir de imagens de arquivo. Estamos em 1940. Em tempo de Guerra. Mas num certo país à beira-mar plantado, o que domina é uma paz podre.

Francisco Ferreira, Expresso

Canijo procurou um Portugal ainda mais profundo do que o que já encontrara em Noite Escura.

Ana Margarida Carvalho, Visão

Um dos raros realizadores nacionais que sabe filmar o Portugal contemporâneo. É uma obra anti-salazarista que usa a propaganda do salazarismo para o condenar.

Sérgio Abranches, Time Out